

LV 30 anos

DESDE 1988 AO LADO DOS TRABALHADORES



INTERCEL | INTERSUL | JORNAL LINHA VIVA Nº 1426 - 11 DE OUTUBRO DE 2018

FOTO: VANIA MATTOZO

ASSINADO



*ACT dos celesquianos é assinado,
consolidando conquistas da
negociação coletiva*



TRIBUNA LIVRE

FORTALECER AS TRINCHEIRAS E DOBRAR A RESISTÊNCIA

Por José Álvaro Cardoso, economista

O que o País conseguiu avançar nos governos progressistas, pouco em face das muitas necessidades, foi liquidado em pouco mais de dois anos. As políticas implementadas pelo golpe prejudicam principalmente os mais pobres, que dependem mais diretamente das ações desenvolvidas pelo Estado (por exemplo, a retirada recente de 1,5 milhão de beneficiários do Bolsa Família). Porém, políticas de destruição da renda e do mercado consumidor interno, como estão fazendo, contrariam os interesses de, pelo menos, 99% da população. Ou seja, tais políticas não afetam apenas a maioria esmagadora da população que vive do seu trabalho, mas também os de pequenos e médios empresários, cujos produtos se destinam essencialmente ao mercado consumidor interno.

A incapacidade de reagir eficazmente aos ataques, por parte da população que vem sendo vitimada, não é apenas um problema de fraqueza ou indisposição para uma luta mais vigorosa. É que, dentre os motivos para a insuficiente mobilização, está também o fato de que o inimigo, que comanda o processo, é muito poderoso. Além disso, está operando numa situação de extrema gravidade, isto é, a mais aguda crise da história do sistema capitalista mundial. Esses fatos, somados, dificultam muito uma reação vigorosa, à altura da magnitude dos ataques que os direitos dos trabalhadores vêm sofrendo.

Possivelmente em função da dramaticidade dos acontecimentos, e das dificuldades de se fazer análises mais precisas dos cenários econômicos, boa parte da população está depositando quase todas as suas fichas na “mágica” das eleições. É como se as eleições, por um processo de encantamento, fossem interromper todos os ataques que os trabalhadores estão sofrendo, e começar imediatamente após o pleito, a reverter a situação de desemprego, queda da renda, e precarização que acomete boa parte da população.

Para essa interpretação da conjuntura, um presidente eleito todo poderoso, do campo progressista, irá resgatar a CLT, devolver o pré-sal ao povo brasileiro, recuperar a Petrobrás, revogar a Emenda 95, reestruturar as políticas sociais do governo e interromper as negociações para entregar o Aquífero Guarani. Tudo isso de forma rápida, e mágica, devolvendo a alegria ao povo, surrupiada pelo golpe. A história mostra que, em política, sempre se prefere o caminho mais fácil. Para as pessoas que estão vivendo uma espécie de pesadelo no Brasil, seria muito mais fácil mudar a realidade com o simples ato de se dirigir às urnas e votar.

Conforme se sabe – e os últimos anos têm mostrado isso com muita clareza – o caminho da mobilização, da luta, de remar contra a correnteza, é muito duro, muito difícil. É muito mais tranquilo ir votar do que participar de infindáveis manifestações, reuniões do sindicato, passeatas, as quais também não têm nenhuma garantia de que irão

resolver os problemas no curto ou médio prazos. Porém, o fato é que a visão romântica, que prevê um final feliz sem muita luta, não se sustenta quando se analisa os acontecimentos de forma mais fria.

A gravidade da situação, tanto no Brasil, quanto na vizinhança latino-americana, exige muito mais cautela e senso de realidade. Os trabalhadores brasileiros vêm apanhando como nunca nos últimos dois anos, decorrência direta do golpe, que foi perpetrado para retirar direitos, entregar riquezas, e o que restou da soberania nacional. É muita ingenuidade imaginar que esta operação continental, extremamente complexa e perigosa, será abandonada simplesmente em função de um suposto respeito ao desejo popular nas eleições. Este seria um enredo que destoaria do que aconteceu no Brasil nos últimos anos.

“Tudo indica que, passado o processo eleitoral, irão tentar aprofundar as medidas do golpe, terminando o “serviço” que ainda está incompleto (destruição da Previdência Social, privatização da Eletrobrás, dos Correios, Banco do Brasil e CEF, etc.)”

Recentemente o comandante das forças armadas, general Villas Boas, declarou (de forma ilegal), que em face dos últimos acontecimentos, é possível que o resultado das eleições possa ter a sua legitimidade questionada. As declarações de outro general também da cúpula militar, Mourão, são ainda mais reveladoras do que estão dispostos a fazer para garantir o controle do processo político. Ou seja, em face de um eventual resultado desfavorável (para eles) nas eleições, não está descartada a possibilidade de intervenção militar. Há fortes indicações de que a estratégia principal dos golpistas é aproveitar o processo eleitoral para institucionalizar o golpe, como ocorreu em outros países da América Latina, recentemente. Se esta estratégia malograr, não descartam outras possibilidades, como a do golpe militar.

O processo eleitoral, por sua vez, está muito sob controle dos estrategistas do golpe, que tentam conduzir para os resultados que desejam, intento para o qual contam com muitos recursos (aparato legal, grande mídia, instituições). Além disso, por mais róseo que seja o resultado eleitoral para os trabalhadores (o que será muito difícil), o presidente vai precisar governar. Quem garante que, eleito um presidente que queira desfazer o estrago que fizeram em dois anos, não irão repetir o roteiro que implementaram a partir do resultado eleitoral adverso de 2014?

Tudo indica que, passado o processo eleitoral, irão tentar aprofundar as medidas do golpe, terminando o “serviço” que ainda está incompleto (destruição da Previdência Social, privatização da Eletrobrás, dos Correios, Banco do Brasil e CEF, etc.). No atual cenário, extremamente nebuloso, é muito difícil prever que rumos irá tomar a conjuntura nacional. Por isso, o reforço da mobilização sindical, o debate permanente com os trabalhadores, as campanhas de sindicalização e o permanente trabalho de base, são ações e políticas que podem melhorar a correlação de forças em qualquer conjuntura. A hora é de fortalecer ainda mais as trincheiras e dobrar a resistência.

PRIVATIZAÇÃO

O FUTURO DA CELESC E DA ELETEROSUL PÚBLICAS PASSA PELAS ELEIÇÕES

Manifestações dos candidatos à presidência da República e ao Governo do Estado de Santa Catarina sobre a privatização das empresas do setor elétrico

Em época de eleições, as propostas dos candidatos para as empresas públicas se tornam cruciais para definir o voto dos trabalhadores. Já vivemos, hoje, um período de ataques aos direitos dos trabalhadores e às empresas públicas. Neste contexto, tanto Celesc quanto Eletrosul estão bastante ameaçadas. Mas, o que pensam os candidatos ao Governo do Estado de Santa Catarina e à Presidência da República sobre privatizações? O que farão ao assumirem o Governo já no início de 2019?

É preciso identificar nos discursos, propostas e planos de governo as intenções privatistas e combatê-las. Nos quadros ao lado elencamos algumas das propostas dos presidentiáveis para o setor elétrico nacional, compiladas pela BBC e pela Federação Nacional dos Urbanitários (FNU). No caso dos candidatos ao Governo do Estado, elencamos a postura de ambos com relação à manutenção da Celesc Pública e a moção aprovada pelos trabalhadores no 10º Congresso dos Empregados da Celesc.

Para Intercel e Intersul, é preciso compreender as ameaças que rondam não só as empresas públicas, mas a soberania nacional e os direitos dos trabalhadores. Um projeto que ameace o patrimônio do povo brasileiro e dê continuidade à destruição de direitos trabalhistas e sociais não pode ser referendado pelos trabalhadores. O futuro da Celesc, Eletrosul e de todos os trabalhadores está no voto consciente, no voto de classe.



FERNANDO HADDAD

Propõe diversificar as matrizes produtivas e energéticas de forma sustentável e revogar as medidas que atacam a soberania nacional e popular. Defende o investimento na profissionalização e valorização do serviço público. “É preciso qualificar os concursos e conter a privatização e a precarização no serviço público, expressas pela terceirização irrestrita e pela disseminação de modelos de gestão e agências capturados e controlados pelo mercado”. Se comprometeu com a manutenção da Eletrobras Pública, assinando carta compromisso com o setor elétrico (LV 1425).

JAIR BOLSONARO

Propõe reorganizar o setor econômico com o enxugamento do Estado. Destaca que algumas estatais serão extintas, outras privatizadas e, em sua minoria, pelo caráter estratégico serão preservadas. Em entrevista à Globo News, Paulo Guedes, responsável pelo plano econômico e futuro Ministro da Fazenda em caso de vitória de Bolsonaro, afirmou que a ideia é privatizar todas as estatais. Em entrevista à Rede Bandeirantes, Bolsonaro afirmou que privatizaria as distribuidoras, mas não a geração de energia. Não mencionou o que pensa sobre as transmissoras, como a Eletrosul.



COMANDANTE MOISÉS

Comandante Moisés foi classificado como Inimigo da Celesc Pública na edição 1423 do Linha Viva. Procurado pela representação dos celesquianos, afirmou que não se comprometeria antecipadamente com a manutenção da empresa pública. Depois disso não atendeu nenhuma das tentativas de contato feitas pelo Conselho eleito. Agora, gravou um áudio dizendo que é contra a privatização da empresa, mas permanece sem aceitar conversar com os sindicatos da Intercel.



GELSON MERÍSIO

Gelson Merísio não assinou a moção elaborada pelos sindicatos da Intercel. Após contato com a representação dos trabalhadores, gravou um vídeo se comprometendo a não privatizar Celesc, Casan e SC Gás e afirmando que as empresas públicas seriam utilizadas para promover o desenvolvimento social do Estado de Santa Catarina. A mesma fala foi registrada em carta enviada aos sindicatos da Intercel.

POLÍTICA

ONDA CONSERVADORA AMEAÇA

Congresso reacionário afronta direitos sociais

Dos 513 parlamentares, 274 são nomes novos. Porém, uma parcela significativa dos eleitos defende ideias retrógradas como pena de morte, redução da maior idade e armamento da população. Além de retirada de direitos.

No Senado, a renovação foi ainda maior. Dos 32 senadores que tentaram renovar seus mandatos, apenas oito conseguiram. Nomes tradicionais da política como Cristóvam Buarque (PPS-DF), Romero Jucá (MDB-RR), Eunício Oliveira (MDB-CE), Magno Malta (PR-ES) e Roberto Requião (MDB-PR) não foram reeleitos. Assim como na Câmara, uma parcela significativa defende pautas retrógradas.

A onda conservadora foi puxada pelo candidato à Presidência Jair Bolsonaro (PSL), defensor da ditadura civil-militar (1964-1985), do extermínio de adversários políticos, assim como mantém posicionamentos racista, machista e homofóbico.

A nova composição da Câmara dos Deputados, que assume no dia primeiro de fevereiro de 2019, será ainda pior do que a atual, que aprovou a terceirização irrestrita, a reforma trabalhista e o congelamento dos investimentos por 20 anos em áreas sociais como saúde, educação, cultura, etc.

Dependendo de quem for o novo presidente da República, propostas como reforma da previdência e privatizações retornarão à ordem do dia.

CELESC

ACT 2018/19 É ASSINADO

Assinatura consolida conquistas da negociação coletiva



Foi assinado nesta terça-feira, dia 09, o Acordo Coletivo de Trabalho 2018/19 dos celesquianos. A assinatura, efetivada na sede da Celesc, em Florianópolis em reunião da Intercel com o Presidente e Diretores da empresa, consolida as conquistas deste processo negocial.

Em um cenário bastante adverso para trabalhadores de empresa pública, os celesquianos mantiveram os direitos históricos do ACT, avançando na cláusula mais importante do acordo: a garantia de emprego. Com a assinatura, a extensão da garantia de emprego para 3 anos passa a ser uma realidade, dando tranquilidade aos trabalhadores para continuarem o trabalho de excelência no atendimento à sociedade catarinense.

CHAPA 1 É ELEITA NA APCELESC

Aposentados e pensionistas votam na continuidade do trabalho conjunto

Aconteceu nesta terça-feira, dia 09, a eleição para composição da Diretoria e Conselho Fiscal da Associação dos Aposentados e Pensionistas da Celesc (APCelesc).

A Chapa 1 - Fortalecer a APCelesc foi eleita com 740 votos. A eleição consolida o trabalho conjunto entre APCelesc e Intercel, na defesa dos direitos dos celesquianos, aposentados, pensionistas e de suas famílias.

EXPEDIENTE
Linha Viva é uma publicação da INTERCEL e da INTERSUL
Jornalista responsável: Paulo G. Horn (MTE 3489/SC)
Conselheiro Editorial: Wanderlei Lenartowicz
Rua Max Colini, 2358, Joinville, SC
CEP 89216-000 | E-mail: sindsc@terra.com.br
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.



POR QUE VOTAMOS EM HITLER?

Por que a Alemanha, o país com um dos melhores sistemas de educação pública e a maior concentração de doutores do mundo na época, sucumbiu a um charlatão fascista?

Ao longo da década de 1920, Adolf Hitler era pouco mais do que um ex-militar bizarro de baixo escalão, que poucas pessoas levavam a sério. Ele era conhecido principalmente por seus discursos contra minorias, políticos de esquerda, pacifistas, feministas, gays, elites progressistas, imigrantes, a mídia e a Liga das Nações, precursora das Nações Unidas. Em 1932, porém, 37% dos eleitores alemães votaram no partido de Hitler, a nova força política dominante no país. Em janeiro de 1933, ele tornou-se chefe de governo. Por que tantos alemães instruídos votaram em um patético bufão que levou o país ao abismo?

Em primeiro lugar, os alemães tinham perdido a fé no sistema político da época. A jovem democracia não trouxera os benefícios que muitos esperavam. Muitos sentiam raiva das elites tradicionais, cujas políticas tinham causado a pior crise econômica na história do país. Buscava-se um novo rosto. Um anti-político promoveria mudanças de verdade. Muitos dos eleitores de Hitler ficaram incomodados com seu radicalismo, mas os partidos estabelecidos não pareciam oferecer boas alternativas.

Em segundo lugar, Hitler sabia como usar a mídia para seus propósitos. Contrastando o discurso burocrático da maioria dos outros políticos, Hitler usava um linguajar simples, espalhava fake news, e os jornais adoravam sugerir que muito do que ele dizia era absurdo. Hitler era politicamente incorreto de propósito, o que o tornava mais autêntico aos olhos dos eleitores. Cada discurso era um espetáculo. Diferentemente dos outros políticos, ele foi recebido com aplausos de pé onde quer que fosse, empolgando as multidões. Como escreveu em seu livro "Minha Luta":

Toda propaganda deve ser apresentada em uma forma popular (...), não estar acima das cabeças dos menos intelectuais daqueles a quem é dirigida. (...) A arte da propaganda consiste precisamente em poder despertar a imaginação do público através de um apelo aos seus sentimentos.

Em terceiro lugar, muitos alemães sentiram que seu país sofria com uma crise moral, e Hitler prometeu uma restauração. Pessoas religiosas, sobretudo, ficaram horrorizadas

com a arte moderna e os costumes culturais progressistas que surgiram por volta de 1920, época em que as mulheres se tornavam cada vez mais independentes, e a comunidade LGBT em Berlim começava a ganhar visibilidade. Os conservadores sonhavam com restabelecer a antiga ordem. Os conselheiros de Hitler eram todos homens heterossexuais brancos. As mulheres, ele argumentou, deveriam se limitar a administrar a casa e ter filhos. Homens inseguros podiam, de vez em quando, quebrar vitrines de lojas, cujos donos eram judeus, para reafirmarem sua masculinidade.

Em quarto lugar, apesar de Hitler fazer declarações ultrajantes – como a de que judeus e gays deveriam ser mortos –, muitos pensavam que ele só queria chocar as pessoas. Muitos alemães que tinham amigos gays ou judeus votaram em Hitler, confiantes de que ele nunca implementaria suas promessas. Simplista, inexperiente e muitas vezes tão esdrúxulo, que até mesmo seus concorrentes riam dele, Hitler poderia ser controlado por conselheiros mais experientes, ou ele logo deixaria a política. Afinal, ele precisava de partidos tradicionais para governar.

Em quinto, Hitler ofereceu soluções simplistas que, à primeira vista, faziam sentido para todos. O problema do crime, argumentava, poderia ser resolvido aplicando a pena de morte com mais frequência e aumentando as sentenças de prisão. Problemas econômicos, segundo ele, eram causados por atores externos e conspiradores comunistas. Os judeus – que representavam menos de 1% da população total – eram o bode expiatório favorito. Os alemães "verdadeiros" não deviam se culpar por nada. Tudo foi embalado em slogans fáceis de lembrar: "Alemanha acima de tudo", "Renascimento da Alemanha", "Um povo, uma nação, um líder."

Em sexto lugar, as elites logo aderiram a Hitler porque ele prometeu – e implementou – um atraente regime clientelista, cleptocrata, que beneficiava grupos de interesses especiais. Os industriais ganharam contratos suculentos, que os fizeram ignorar as tendências fascistas de Hitler.

Em sétimo, mesmo antes da eleição de 1932, falar contra Hitler tornou-se cada vez mais perigoso. Jovens agressivos,

que apoiavam Hitler, ameaçavam os oponentes, limitando-se inicialmente ao abuso verbal, mas logo passando para a violência física. Muitos alemães que não apoiavam o regime preferiam ficar calados para evitar problemas com os nazistas.

Doze anos depois, com seis milhões de judeus exterminados e mais de 50 milhões de pessoas mortas na Segunda Guerra Mundial, muitos alemães que votaram em Hitler disseram a si mesmos que não tinham ideia de que ele traria tanta miséria ao mundo. "Se soubesse que ele mataria pessoas ou invadiria outros países, eu nunca teria votado nele", contou-me um amigo da minha família. "Mas como você pode dizer isso, considerando que Hitler falou publicamente de enforcar criminosos judeus durante a campanha?", perguntei. "Eu achava que ele era pouco mais que um palhaço, um trapaceiro", minha avó, cujo irmão morreu na guerra, responderia.

De fato, uma análise mais objetiva mostra que, justamente quando era mais necessário defender a democracia, os alemães caíram na tentação fácil de um demagogo patético que fornecia uma falsa sensação de segurança e muito poucas propostas concretas de como lidar com os problemas da Alemanha em 1932. Diferentemente do que se ouve hoje em dia, Hitler não era um gênio. Não passava de um charlatão oportunista que identificou e explorou uma profunda insegurança na sociedade alemã.

Hitler não chegou ao poder porque todos os alemães eram nazistas ou anti-semitas, mas porque muitas pessoas razoáveis fizeram vista grossa. O mal se estabeleceu na vida cotidiana porque as pessoas eram incapazes ou sem vontade de reconhecê-lo ou denunciá-lo, disseminando-se entre os alemães porque o povo estava disposto a minimizá-lo. Antes de muitos perceberem o que a maquinaria fascista do partido governista estava fazendo, ele já não podia mais ser contido. Era tarde demais.

POR OLIVER STUENCKEL
PUBLICADO ORIGINALMENTE NO SITE WWW.BRASIL.ELPAIS.COM